

A IMPRENSA DE CUYABÁ.

ANNO V.

PERIÓDICO POLÍTICO, MERCANTIL E LITTERÁRIO.

QUINTA FEIRA

N.º 258

24 DE DEZEMBRO DE 1862

A Imprensa—publica-se nas Quintas Feiras na Typographia de Sousa Neves & Comp. Subscrevem-se no Escriptorio da Directoria á rua Direita: 29
Assignatura annual—Para a Provincia 12\$ 000. Para fóra 15\$ 000. Avulsos \$ 400 reis.

EDITOR—

Antonio Maria de Moraes Navarro.

A IMPRENSA DE CUYABÁ.

CUYABÁ 24 DE DEZEMBRO.

PARA UMA BABEL UM DILUVIO

Dissensões no penúltimo número de nossa folha que não se devia entender com o redactor do *Matto Grosso* o termo—amigos—de S. Ex.^a o Sr. Presidente e do povo—empregado no artigo de fundo de n.º 256.

Grave peccado; offensa maior que um regicídio: voltou o homem e chamam-nos de demagogos, irrefletido e não sabemos quem mais.

Assim zangado—folheou Damirém, leão Chateaubriand, decorou Genuense, e por ultimo por Lamartine provou que não os conservadores, porém elle, também elle, era amigo de S. Ex.^a e do povo.

Acertamos a demonstração—põem com a clausula de prova—também pelo facto de entrar com dinheiro para a Thesouraria afim de aliviar a sorte dos operarios e empregados publicos, que ainda estejam no desolamento de seus vencimentos do mez de Novembro.

Se chegar a este resultado terá conseguido um segundo diluvio para destruir a nova Babel.

Antes, gritava em tão para os leitores que está refugio no sacco por não querer casar com a filha do rei, e não achará um tão bobo, que desejando esse consorcio, o acredite e cahia na esparrela—e se houver algum, por ventura tão sandeo, na época presente, por sua conta será lagrado; mas nós, não representaremos o papel da raposa com o tobo—não gostamos de queijo, e se é sabroso e parecido com a lua, boa ventura á quem primeiro o achou, real ou chimerico.

O MATTO GROSSO E SEUS THEOLOGOS.

O Abade Bergier, cuja erudição foi e é admirada em toda Europa—fallando dos funeraes e sepulturas diz:

« Não convem que o corpo de um homem depois de sua morte seja tratado como o cadaver de um animal. O Epicurista culpa para tornar ridiculo o dogma da resurreição futura citta uma passagem de Heraclyto, que affirmava os cadaveres humanos semelhantes á qualquer outra materia.

O Matto Grosso também assim pensa!

Origens, porém, respondendo a Celso: ninguém duvida que o corpo humano seja materia; porém que em seu genero não deva ser comparada á outra qualquer, aos cadaveres dos animais, isto é verdade. O homem foi creado a imagem de Deos quanto a alma—seu corpo é a imagem de Deos, que havia encarnar; assim pois as honras funebres que se fazem aos corpos humanos são para distinguil-os dos dos animaes.

Orig. contr. Celso l. 5. n.º 41 e 27.

O Matto diz que é indifferente!

« Estas honras funebres, continúa Origenes, são com effeito uma atteslação da crença da immortalidade d'alma, d'uma resurreição e d'uma vida futura.

O Matto chama á isto heresia! Diz o celebre doutor da igreja: « dos diferentes modos de proceder com os corpos dos mortos, isto é, entre embalsamados, como fazião os Egyptios, queimados, como praticavão os Romanos, e melhor enterrados; porque esta fórma verifica melhor a predição feita a Adão e pulvis es et in pulverem reverteris, e mais nos aproxima da crença da resurreição futura—anunciada por Ezequiel.

O Matto Grosso diz que isto é heresia; porque então os que morrem no mar não resussitarão!

O Abade Fleury—lizia também quê, « os christãos da primitiva, para testemurhar sua fé na resurreição futura, tinham grande cuidado das sepulturas, o ninguém até hoje taxou a Fleury de herege—se não o Matto Grosso; porque Fleury não contou com os que morrem no mar!

A historia do passado é uma boa lição para o futuro.

Estas phrases, que o vulgo traduziu pelo seguinte rito popular—Quem vê as barbas do seu vizinho arder pelas suas das molhos—vão fazer um periodo maior na vida das nossas transaccões administrativas, e mostrar á presente e as futuras—quanto cautelosos devem ser para se não deixarem enganar, como o corvo da fábula pela raposa, afim de que não tenham de sofrer, como seus antecessores, a sentença bem applicada de Esopo.

Qui se laudat ridetur verbis kublalis.

Sera dat ponas turpes pudentialis.

Quem houver por ahí que ignore hoje os honrores, as felicitações, as congratulações prodigialis, e merecidamente ao Exm.^o Sr. General Leveger, durante o semestrio da sua pacifica e illustrada administração?

Se algum ha, fácil é desenganar-se: basta tomar a mão os relatorios da Presidencia de 1861 a 1862.

Compulsi os nomes dos subscriptores dessas peças, verdadeiros peneiros, consultai um por um e encontrareis a maioria dos que hoje se intitulam liberais.

Pois bem, voltei ao Matto Grosso, oração d'esses homens—e o que diz elle hoje do General? O que diz? Desmentio a todos aquelles caracteres subscriptores das taes felicitações e desmentem-os formalmente—em face, com osadade; porque pretendem de, ante a opinião publica que os contempla, para si o criterio da verdade.

Ho apenas uma lição de historia que contamos e nada mais. Ninguém tem direito do aggravar-se com ella.

Tarde vierão as contraditas, e por isso não se pôde acutelar o Sr. Alencastro.

A este cheverão igualmente as felicitações e as incensuras padras de um jornal vendoso—tomai os relatorios dessa época, lida a Voz da Verdade.

Não darão muito a substituição dos encomios—no Gazetinha da Voz da Verdade do 15 de Junho de 1862 e intitulados do DEVERSO! então ja não era Presidente, ja não precisavão d'elle.

Chega a Provincia o Sr. Conselheiro Penna a 6 de Fevereiro de 1862. Na Voz da Verdade do 13 do mesmo mez—congratula-se a redacção com os seus comprouvianos pela escolha que fez o Governo Imperial, reconhece em S. Ex.^a illustração, longa pratica administrativa, precedentes para uma administração cheia de beneficios: para restabelecimento do respeito ao principio da autoridade, promette-lhe entim a gratidão da provincia.

No dia 25 de Março—levão, no como que em charola para o jantar, que lhe offerecerão, fazem-lhe brinde a tropa, intitulado no de salvar, o regenerator do um povo oppresso—o entusiasticamente applaudem—a verdade do estigma á administração Alencastro, que tanto encostou—Que lição para o nobre Conselheiro, que o illustrado!

Chega o dia 3 de Maio; apresenta o Exm.^o Conselheiro o seu Relatório, o os turiferarios tomão o turbulo o dia-lhe o seguinte dia na Voz da Verdade de 8 de Maio—O Relatório de S. Ex.^a é uma peça official a mais importante que tem apparecido na Provincia, quer pelas medidas praticas, quer pelas medidas politicas em que se expande.

La se forão os dos Srs. Lovenger, Albano, Delamare e Alencastro, quer quanto as medidas praticas, quer quanto as politicas.

Diza ao Cão, continuado no mesmo n.º, que administração de S. Ex.^a seja duradoura para mais um padro de gloria juntar a sua vida administrativa.

A 15 do mesmo mez eis a Assembléa em cora com a Voz da Verdade mandando a S. Ex.^a uma commissão de felicitação dizer-lhe:

TRANSCRIPÇÃO.

Ilm.^o e Exm.^o Sr.

A presença do V. Ex.^a nós envia a Assembléa Provincial de Matto Grosso afim de depositarmos nas mãos do V. Ex.^a um testemunho não equivoco do contentamento de que se acha possuida a mesma Assembléa por ter o Governo de Sua Magestade O Imperador confiado á illustração, experiencia e patriotismo do V. Ex.^a os destinos desta interessante parte do Imperio.

A Assembléa Provincial, Exm.^o Sr. não podia olhar sem vivo contentamento este acto do Governo Imperial; porque, convicção do quanto polo fazer a honra da Provincia o administrador illustrado, dispendio dos thesours accumulados pela longa experiencia, e com a dedicação que se inspira de amor da patria, ve follemente renidos na pessoa de V. Ex.^a estes eminentes attributos.

A convicção, que a Provincia inteira nutria de que a administração do V. Ex.^a seria cheia dos mais bellos fructos, convicção nascida dos honrosos precedentes de V. Ex.^a nas importantes Provincias, que administram, tem á Assembléa Provincial a satisfação do annunciar á V. Ex.^a que **bases se hoje em factos bem significativas.**

No curto espaço de tempo, que decorre de 8 de Fevereiro ultimo, em que V. Ex.^a empunhou o leme da administração, até hoje, tem V. Ex.^a com admiravel solicitude se posto ao facto de quasi se não de todos os negocios publicos da Provincia, não se esquecendo ja mais de estudar em todos os pequenos detalhes aquelles que proxima ou remotamente podem concorrer para o progresso deste interessante torão americano.

O Relatório, que apresentou V. Ex.^a á Assembléa Provincial em o dia 3 do corrente mez, no qual, com cores bem vivas e fideis, desenhou o estado desta Província, tornando bem patentes os elementos de futura grandeza que a mesma encerra em si, é mais um padro de gloria para V. Ex.^a, e um precioso documento que ella guarda.

A Assembléa Provincial, Exm.^o Sr., lamente com V. Ex.^a a deficiencia das recursos de que dispõe a Província, e que, ao V. Ex.^a, de iniciar e levar ao cabo todas as melhoramentos, do que esta necessita; mais assegura á V. Ex.^a a quem promette todo o apoio, que não hesitamos em adoptar aquellas medidas, que por V. Ex.^a são julgadas indispensaveis.

A Assembléa Provincial, Exm.^o Sr., manifestando desta modo os seus sentimentos, dirige ao Todo Poderoso fervorosas supplicas para que illustre os preciosos dias de V. Ex.^a

Pago á Assembléa Provincial em Cuiabá, 13 de Maio de 1862.

A Voz da Verdade de 9 de Outubro—annuciou que ja não era pouco abrir communicacões entre duas provincias centrais Goyaz e Matto Grosso.

que devia em parte, essa ampliação commercial ao Conselheiro Presidente que empregou todos os meios ao seu alcance a fim de consolidar e levar a effeito a idea.

Em 20 de Março—confirmão que quando felicitarão a S. Ex.^a pela sua nomeação não fora por—mera cortezia—, que S. Ex.^a nos actos de sua administração mostrava-se tal qual era—administrador zeloso, illustrado, distincto, em cujo coração não tinha arrefecido o patriotismo; que suas visitas aos estabelecimentos publicos não eram—meras formalidades para constar—e concluirão: Estas linhas são a expressão do prazer que temos de ver a frente da administração da provincia um brasileiro que se mostra—verdadeiramente amigo do bom estar publico.

Da opposição levantada na Assembléa Provincial, depois de constar a retirada do Sr. Conselheiro—dávão como causa—sua severa economia.

Entretanto hoje o chamo do esbanjador, hoje apóia o idolo que adorarão, insulto o homem que encomendário.

Que lição para o successor do Sr. Conselheiro! Que criterio podem ter as declamações dos homens do Mito quando elogiam, ou quando veturperão?

Com a mesma facilidade com que cantão hosiannas, gritão crucifigil.

O Sr. Leverger, o Sr. Alencastro, o Sr. Penna—soffrerão, e soffrem essas decepções: mas é bem que não se perca a lição do passado.... e que a moralidade do rifão quem vê as barbas do visinho arder poem as suas de molbo, não seja despresada.

NOTICIARIO.

INSTRUÇÃO PUBLICA.—No dia 12 do corrente foram examinadas na escola do 1.^o grão da Freguezia de S. Gonçalo de Pedro II. de que é Professora a Sra.^a D. Maria Ramos de Almeida, as alumnas Relinda Amelia de Souza e Anna Ramos, as quaes foram approvadas, e no dia 14 dous alumnos do Sr. João de Albuquerque e Silva os quaes tambem foram approvados.

PREMIOS.—Teve lugar a 18 deste no Palácio da Presidencia a distribuição dos premios aos alumnos das diversas escolas da freguesia da Sé approvados nos exames de que demos noticia no n.^o passado:—forão tambem premiados aquellos alumnos que se distinguirão em comportamento.

SESSÃO PREPARATORIA. Reunirão se hontem em sessão preparatoria para a eleição dos Deputados Provincias no Passo d'Assembléa, os Eleitores que formão o collegio desta Capital.

COLLEGIO ELEITORAL.—Terá hoje lugar a votação para eleição dos Legisladores Provincias do biennio de 1864 a 1865.

CONTRIBUIÇÃO PATRIOTICA.—O Rvd.^o Francisco de Sales Sousa Henry offereceu para as emergencias do Estado, um anno de seus vencimentos de parcho encomendado da freguesia de Sant'Anna do Paranyhyta.

COMMUNICADO.

PALAVRAS AO VENTO.

O Corpo legislativo da Provincia tem de ser hoje eleito.

O povo espera ansioso saber os nomes dos seus Lycurgos e Solons.

Dizem que haverá transformação, não de locas, porém de personas.

Serão lançados fora os menos humildes e obedientes as ordens do povo.

As salas das deliberações só não de ser franqueadas aos filhos do povo, aos que os Eleitores julgarem mais habéis na sciencia e prudencia de legistar.

O mandato hade ter uma tal força de independencia, que só a vontade e a liberdade do mandatario hade triumphar.

Os deputados serão os mesmos com uma modificação de 7 que o povo mandou substituir, dizem, não sabemos se por

doentes, inúteis, quebrados ou rendidos.

Dos generaes praticos serão retritados alguns, e alistados novos soldados para que aprendão a tatica.

A cidadela hade conservar-se enexpugnável—não haverá inimigos a combater a nem pretensões de tomar-a.

O exercito inimigo está em treguas, e deixa correr o tempo.

Tito Vespasiano—é a imagem da prudencia no ataque de Jerusalem,—Jesus o nuncio de sua victoria.

Jesus talvez não esteja longe—deixai em paz Jerusalem porque dentro de seus muros nascerá a destruição.

REFORMA ELEITORAL

ELEIÇÃO DIRECTA.

XIII

Se fivessesmos a injustificavel pretensão de escrever para homens versados nestas materias, que em suas bibliothecas pusissem os dados necessarios para opinar neste assumpto, com pleno conhecimento de causa, e em sua illustração recursos para chegar a melhor solução de nossa these, por certo não teriamos occupado tantas columnas com traducções e transcripções de varias leis electoraes censitarias.

Escreremos, porém, para leitores faltos em geral desses elementos de convicção; e e por querermos ministrar-lh' os foi que nos dêmos a esse trabalho aborrecido. A não ser esse nosso desejo, poderamos ter-nos limitado a exclamar-lhes:

• Leitores, sabeis que em toda a parte do universo, onde existe um governo representativo, a eleição é directiva; sabeis que onde ella foi indirecta, como em França e em Portugal, rechoeu-se que era uma ficção ridicula. • nna burla funesta; e converteu-se em eleição directa; sabeis que já n'um parlamento europeu se nos deitou em rosto o facto de ainda existir entre nós a eleição indirecta, como uma prova do nosso atraso; sabeis finalmente que já em 1810 quando as cortes hespanholas adoptaram o systema eleitoral indirecto, os jornaes inglezes, que aliás apoiavam as cortes com grande sinceridade e enthusiasmo, censuravam a adopção daquelle systema pelas cortes, e o ridicularizavam, chamando-lhe eleição de cascata.

Sendo assim dirá o leitor, por que foi que se adoptou semelhante lei eleitoral? De certo não se deve a má tenção o ter ella sido adoptada. Muito pelo contrario o generoso coração do immortal autor da constituição, no voto universal só viu a maxima amplidão da sua generosidade; era da sua parte acto de sentimento antes do que de razão. Longe e bem longe estava elle de prever, de suppor que a estensão da dadiva a tornava pequena, e um dia a reduziria a nada; por que em materia de direitos electoraes, o legislador que dá de mais faz como o pai de familia improvisado que por fraqueza do coração confia de filhos inexperientes, no ardor das paixões, quantias demasiadas, e lhes cava a ruina, em vez de os felicitar como esperava e desejava.

Tão explicaveis não são as illusões democraticas dos primeiros excoutores da constituição, que não deviam e nem podiam ignorar o que tem produzido por toda parte o voto universal. Custa perceber com que razão e para que fim os primeiros excoutores da constituição declararam que possuir duzentos mil reis de renda liquida, como sabiamente prescreve a constituição quer dizer, voto universal, e que para estar provada a posse dessa renda, basta que o

eleitor não tenha morrido de media a hora do voto.

Devemos acreditar que os primeiros excoutores da constituição suppozeraem, como as cortes hespanholas, por um lado que os pobres e os dependentes em pegoção tão importante como é uma eleição, em decisões de que dependa a sua sorte é a de seus filhos, haviam de necessariamente ter dignidade pessoal, e que esta e o bom senso bastariam para nomear optimos electores; e por outro lado persuadir-se que os poderosos, os ricos, os influentes por qualquer modo haviam de ter a honestidade de não abusar dos meios compressivos de que dispunham, para reduzir os dependentes a instrumentos de seus caprichos, paixões e interesses ou a meros soldados obedientes nas batalhas electoraes que entre si travassem.

Bellas illusões de almas generosas! Honrosas hypotheses de dignidade pessoal na pobreza, e de honestidade no poderio! nós vos respeitamos como a fonte pura de que dimanam, mas vós sois illusões; todas as nações o proclamaram e todas vos cresceram, por que reconheceram que sois inapplicaveis ao governo dos homens e as illusões no governo dos homens são fataes; as suas ultimas consequencias foram sempre e em toda parte o despotismo ou a anarchia.

Mas, por estarmos disto profunda, sincera e desinteressadamente persuadido segue-se por ventura que não appareçam convicções verdadeiras, ou interesses que as simulem, em opposição a nossa these? Do facto de terem quasi todos os Diarios das provincias do imperio abraçado a causa da eleição directa, pôde algum inferir que não ha mais quem sustente e queira similhante systema de eleição indirecta? Não se diz já como se disse em outras nações, em França particularmente, que o corpo eleitoral directo será uma oligarchia? Que aquellos que desejam e promovem este melhoramento são oligarchas?

Usa-se e abusa-se tanto da palavra oligarchia, que em relação a nossa these, cumpre-nos expor o que é ou são as nossas oligarchias.

As eleições universaes directas ou indirectas em todas as nações onde existem, são realmente feitas pelos directorios dos partidos, quando os ha, ou das facções, que tomam, como diz Helio, o feitiço dos partidos, quando estes não existem. Tendo nós o voto universal, em quanto elle durar, não podemos escapar a sorte commum das nações onde elle existe ou existiu. Ha de pois haver sempre dous, tres ou mais directorios electoraes, com os seus competentes estados-maiores, com os seus agentes e adherentes, para seduzirem comprarem ou desvairem, pela força ou pela astucia, a maior parte que puderem dos votantes universaes mais ignaros, mais dependentes, mais venaes, ou mais radiciosos.

Se é isto o que se chama oligarchia entra nós não é uma entidade chimérica; é cousa que existe realmente, e o menos que temos em cada capital de provincia são quatro ou cinco, a saber: as dos partidos chamados da ordem e da liberdade, as das fracções em que se subdividem esses partidos, e a do governo que nem sempre se identifica com uma das outras, e que n'um paiz onde não existem partidos reaes, fundados no interesse geral, é sempre a mais forte, e quasi omnipotente.

Se não é isto o que se designa pela palavra oligarchia entre nós, declaramos ignorar totalmente o que seja, salvo se é a cunha que um dos directorios electoraes

põem a um ou mais dos outros directores, e não tem valor ethnopológico mais do que o das alcunhas, com que as facções costumam mimosear-se.

Em verdade, quem lê a historia dos Estados que foram governados por oligarchias, como Lucca, Veneza, Siena e outros, quem vê nesses Estados governos despoticos, tyrannias fundadas em escandalosos e horribes privilegios, e defendidas por tribunaes secretos, com execuções clandestinas, e compara esses governos oligarchicos com o do Brazil, onde não existe nobreza hereditaria, nem privilegio algum politico ou civil, existindo pelo contrario voto universal, liberdade e attenção da imprensa, parece-lhe estar sonhando quando ouve fallar seriamente em governo oligarchico, em partidistas, e em promotores de oligarchias entre nós.

Oligarchias eleitoraes sim, essas existem no Brazil. Temos em cada provincia, pelo menos, quatro ou cinco: todas ellas derivam do voto universal; e a lei dos circulos creou em quasi todas as comarcas do imperio oligarchias locais para a eleição contra a influencia indebita dessas oligarchias é que são escriptos estes artigos, cujo intuito é tirar-lhes das mãos a parte venal, dependente, ignara ou seliciosa dos votos universaes, e por esse modo tornar a representação nacional tão verdadeira quanto é possível se-lo entre nós.

Talvez haja quem tome por oligarchia os vãos titulos de nobreza pessoal, não transmissiveis de pais a filhos, e que não conferem direito algum civil ou politico; mas semelhante confusão de idéas supponho ignorancia total do que seja oligarchia. A este respeito lembramo-nos do que dizia o famigerado Dupin na camara dos deputados de França, quando se tratou da abolir os titulos de nobreza. Observou elle que no poder da camara não cabia extinguir as tradições historicas da França, indicadas nos nomes destas ou daquellas familias; que, por mais leis que a camara fizesse havia de haver sempre uma aristocracia; que extinta a das tradições historicas, viria a do dinheiro, como nos Estados Unidos, que é a mais grosseira e a mais immoral de todas as aristocracias; que elle Dupin sendo plebeu e pobre tinha sempre de levar ponta-pés aristocraticos, e que nesse caso se os havia de levar de pés calosos, habituados na infancia a pesados tamancos, antes os queria levar de pés delicados calçados de finas escarpas.

Somos inteiramente da opinião do sabio e eloquente orador Dupin, e a camara franceza partilhou completamente o seu parecer, porque a lei da abolição dos titulos de nobreza foi rejeitada, entre as risadas geraes dos deputados.

Escreveu-se tanto em França contra o que alguns partidos lá chamavam oligarchia eleitoral, que é de lá que nos hão de vir citações, exemplos e theorias contra a eleição directa censitaria e limitada. pois era a isso que certos partidos francezes chamavam curullio oligarchico-eleitoral, e foi um dos pretextos da revolução de 1830.

Para armaz os nossos leitores contra os sophismas com que os influentes pela eleição indirecta hão de tentar seduzi-los, vamos expor-lhes quasi infundada era a denominação de oligarchia, applicada ao corpo eleitoral francez pelos partidos, cujos esforços resuscitariam effectivamente o voto universal, e com elle, primeiro a anarchia, depois o despotismo.

Persuadido de que, a continuar o actual systema eleitoral, é essa também a alternativa que nos ameaça, vamos esforçar-nos para tornar claro e patente a quão injusta o

demagogia era a alcunha de oligarchia, posta pelas facções francezas ao corpo eleitoral directo.

Os socialistas, os bonapartistas, os republicanos e os legitimistas, que todos juntos formavam insignificantissima minoria em França, diziam uma vez que os eleitores censitarios constituíam uma verdadeira oligarchia, porque, havendo um milhão d'elles em Inglaterra, eram muito menos em França, e por isso mais facéis de corromper.

O leitor que tiver memoria o que a este respeito se já já dito n'estes artigos, está habilitado a responder a este bello arrazoado, que a independencia dos eleitores não está no seu numero, mas nos seus teres e illustração individual; que se, para ser maior o numero, for preciso incluir no recenseamento dos eleitores, os dependentes e ignorantes, essa inclusão acabará com a independencia do eleitor, e tornará necessariamente impura a eleição.

Nenhuma outra razão deram as facções francezas para alcinhar de oligarchia o corpo eleitoral directo e censitario. e não a deram porque a não tinham. Louge, porém, de ser restrictivo de mais o censo eleitoral francez, era esse em nosso entender baixo de mais; e no seu minimo não grantia sufficientemente ao Estado a independencia e a intelligencia do eleitor, como passamos a demonstrar pelas considerações seguintes.

Calculava-se naquella tempo, em França que os impostos absorviam a quinta parte da renda total dos cidadãos. A lei conferia direitos eleitoraes ao cidadão que pagasse ao fisco duzentos francos annualmente. Omittingo a quota parte de impostos indirectos, torna-se de evidencia mathematica que o cidadão francez que tivesse mil e tantos francos de renda era *ipso facto* eleitor. Ora, esta renda apenas bastava então, e muito menos bastaria hoje, para satisfazer as mais grosseiras necessidades da vida; e manifestamente o minimo censo não dava garantia sufficiente da independencia do eleitor.

Insufficiente era tambem o minimo censo eleitoral para tornar provavel a illustração do eleitor. Custava n' aquelle tempo a educação de um menino, conforme as localidades, de oito centos a mil e duzentos francos annualmente, e o cidadão francez que estivesse no minimo do censo eleitoral, raras vezes poderia ter educação que garantisse ao Estado a sua aptidão intellectual para o elettorado.

Se estes são, como affirmamos aos nossos leitores, factos incontestaveis, e se as condições mais rigorosamente indispensaveis ao eleitor são, no dizer de todos os publicistas, a sua independencia e a sua illustração, sob pena de ser indebita e prejudicial a sua interferencia na eleição, como foi que diversos partidos francezes colligados ousaram affirmar que o corpo eleitoral francez, era uma oligarchia?

Os socialistas, os republicanos, os bonapartistas, e os legitimistas, todos elles inimigos irreconciliaveis da liberdade politica, sabiam melhor do que nós estas verdades, conheciam perfectamente esses dados numericos, e suas obvias consequências.

Não era porém a verdade do governo representativo o que elles promoviam com suas demagogias declarações; não eram os interesses da liberdade politica o que elles procuravam com incendiarias e anti-sociaes excitações plebeas. Os bonapartistas só queriam o man-lo, o poder e a força que o dá; alguns tinham a mira na gloria, na rehabilitação das armas francezas; outros só a tinham no thesouro publico.

Os socialistas só olhavam para os bens herdados, ou adquiridos pelos outros cidadãos; e a invenção de oligarchia eleitoral tinha por objecto, transportar a ordem publica, e por se poderiam applicar, a propriedade, e ao trabalho as suas abominaveis utopias.

Os republicanos incorregiveis, que ainda adoravam as suas illusões totalmente inapplicaveis a França, prepararam-se para amoldar os costumes, e até a lingua franceza aos seus funestos delirios, pelo meio conhecido, e já usado da guilhotina, e do exterminio dos seus semelhantes. Os legitimistas (quem o diria?); queriam o voto universal e cavalheiros distinctos, pela maior parte, não se envergavam de dar as mãos a despresiveis demagogos; esperando que do voto universal surgisse novamente a anarchia, e que esta tornasse possível o restabelecimento, senão do antigo regimen, pelo menos o da sua influencia sob Henrique V.

Estes partidos, todos elles inimigos mortaes da liberdade politica, colligaram-se contra o presente; em procura de futuros diversos, por meio do despotismo: Excitaram todas as paixões anti-sociaes, e apesar de serem uma pequena minoria, por causa do fustoso predominio de Paris sobre a França, e da incomprehensivel fraqueza do seu governo representativo, lograram acabar com a liberdade politica, obrigando a França a refugiar-se da anarchia nos braços do absolutismo militar, illustrado e glorioso sem duvida, mas absolutismo com todas as suas eventualidades, mas, algumas das quaes pouco viverá quem as não vir realisar.

Quando, pois, os sophistas interessados na persistencia da eleição indirecta fallarem nos nossos leitores na supposta oligarchia eleitoral franceza, lembrem-se das verdades incontestaveis que ficam expostas, e que lhes serão garantidas por todo o homem honesto que conhecer a França tal qual ella é, e não sómente pelo echo longinquo dos partidos, e das suas paixões.

Essa inventada oligarchia principia a dispor da eleição em França quando a sua renda publica era de setecentos a oitocentos milhoes; e no espaço de trinta annos, que durou o seu dominio eleitoral, deixou a França mil e oitocentos milhoes de renda. E augmentou os rendimentos dos cidadãos na proporção de mil e seis centos milhoes annualmente!

Os trinta annos do dominio de tal corpo eleitoral oligarchico são em todo a historia da França os unicos annos em que ali houve liberdade politica, segurança pessoal, e liberdade de imprensa.

Quem for capaz de negar estas veadaes, negará a historia, negará as provas mathematicas, negará até a luz do dia; e se ao seu predominio pela eleição indirecta convém, negará até, como diz Camões, o Deus que tem.

Essa lei eleitoral, tão calumniada por todas as variedades de revolucionarios francezes colligados, era obra de Odilon-Barrot, de Béranger, de Dupin, de Laflotte, de Berryer, de Barthe, de Casimir de Périer, e outros não menos illustres, os quaes todos queriam realmente o governo representativo, e sabiam que em França de outro modo era elle absolutamente impossivel.

Continua.

VARIEDADES

LOGICA DE UMA CRIANÇA.

Apresentou-se um menino de pouca idade

de a um general inglez pedindo ser alistado nas fileiras do exercito

—E's irlandez? the perguntou o general.

—Não, senhor.

—Como não?... És irlandez, porque a mim me consta que nasceste na Irlanda.

—Então, si eu tivesse nascido n'uma cavallaria seria cavallo?

O general não achou o que responder, e pôz-se a rir.

Quantos homens conhecemos nós que, seguindo a logica d'aquelle menino, deveriam ter nascidos n'uma cavallaria?

Ext.

CARTA CURIOSA.

Adorado, estapafúrdio e incomprehensível hem.

Eu cá sou muito franco, digo o que sinto pa pá santa Justa, e por isso não deves estranhar que eu pegue na minha pena para profundar o ambigo do teu insolito coração!... Conheço mais do que Vm. pensa não ser legitimo para consagrar-lhe um amor de morte espantoso... mas que que- res que eu faça, se ellas vem sem ser esperadas, e lá diz a fabula—o que tem de ser tem força de burro! e a proposito disto lembra-me mandar-lhe este pedaço de latim que aprendi quando andei na escola, que creio encaixa bem aqui—quid natura dare nega, meu pete!... A senhora poderá chamar-me com razão de insível, malcreado ou grosseiro, lá isso pode ser... porem de burro não, porque eu tive o meu principio (o supponho que eide ter fim.) Eu minha escarpada ninfa andei pelos estudos alguns dezannos, e um dos 7 mestres que tive era um homem, sem malicia de muita circunspeção, por mais de uma vez, qual!! per mais de 2 me asseverou que eu tinha cabeça! Mas onde me leva o meu retorcido pensamento? não era da cabeça que eu queria fallar-te era do coração. Eu não tenho legeresa para espilicar o que sinto... mas paixão e nelle coizas horribres e vós já deves saber o que eu quero dizer.

Quando eu tive a deslita de encargar pela 1.ª vez a claridão de vossos olhos minha cabeça ficou tão esquentada como se fora, um foles de ferro e meu coração sentiu uma irritação tal que fiquei como um gato damnado: eu não creio que isto seja outra coiza senão amor porque como dizem os meopatas «similia similibus» o que quer dizer, minha fúria de bonita, que quando a lei dos sons semelhante o meu amor está para o influído da natureza humana! Já ves que eu não sou qualquer coiza, e que quando começo a discorrer borro na minha imaginação os ornamentos do meu artificial espirito. Eu espero pois que o meu acrisolado e insuficiente anjinho me hade encantar no numero dos seus adoradores, e dispensar na porção dos teus afetos a quem se confessa ser

Teu todo inteiro

Enciclopedico adorador.

N. B. Adeozinho, até outra vez, eim?
(Do Puritano.)

A FÉDRA

PEPINOS POR ABOBORAS.

Toma o timão e livra-lo do abismo.

Remette-se ao Sr. João Maria de Souza, Editor theologo do Mato Grosso, que tem em mão e Algezo, o Augusto e o Nicóles, que vai ou veio da escola, e que podem ser consultados com proveito por que livrão das infecções das igrejas por abuso, e superstições, o latim cum fraude e cum lance, e os versinhos.

Quicumque turpe fraude semel innotuit Etiam si verum dicit, amittit fidem.

Por cujo favor lhe ficará obrigadissimo o seu amigo dedicado e muito admirador.

O rabo que ja esteve na ratoeira.

N. B. Adverte-se ao traductor que não se guie pelo texto publicado ao Mato.

Quicumque turpe fraude semel innotuit. Estium si verum dicit, amittit fidem.

por que em vez de latim, é latão, e não tem tradução; mas sim pelo que deixamos acima extrahido da Imprensa litteral-meute.

a interpretação, e as imaginari- as publicações do Mato Grosso.

EDITAES.

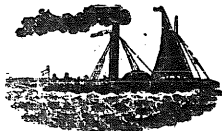
D'Ordem do Ilm. Sr. Major Director chamo a attenção dos Srs. concorrentes para o fornecimento, engomação, lavagem e concerto das roupas dos menores, anunciado no Jornal—Mato Grosso—de 18 do corrente mez.

Arsenal de Guerra 17 de Dezembro de 1863.

Francisco José dos Santos Palcherio.
Escriptuario

O Ilm. Sr. Administrador do Correio manda annunciar que o Vapor Conselheiro Paranhos partirá para Corumbá, a encontrar-se com o Vapor da 1.ª parte da linha, no dia 1.º do proximo venturo mez conduzindo as malas do Correio: pelo que serão recebidas as cartas e mais papeis particulares, com pórtos simples, até as 9 horas da manhã do dia 31 do corrente e com o duplo até o meio dia em ponto. Correio Geral de Cuiabá 22 de Dezembro de 1863.

O Ajudante e Contador,
Bento Ferreira de Mesquita.



COMPANHIA DE NAVEGAÇÃO DO ALTO PARAGUAY.

O Agente da Companhia avisa ao publico que o Vapor—Conselheiro Paranhos—seguirá para Corumbá, as oito horas da manhã do dia primeiro de Janeiro futuro, para encontrar-se com o Vapor da 1.ª parte da linha; para passageiros e cargas, tomase bilhete na Agencia, rua do porto n.º 12. Recebem-se as malas do correio no dia 31 deste ás 6 horas da tarde.

Cuiabá 21 de Dezembro de 1863.

A. R. da Silva Pereira
Agente

ANNUNCIOS.

O Conselho de Compras do Arsenal de Marinha d'esta Provincia precisa contratar por 3 mezas a contar do 1.º de Janeiro proximo futuro o fornecimento dos generos alimenticios necessarios ao Corpo de Imperiaes Marinheiros, Estaleiro dos Dourados e navios da Flotilha.

A saber:

Arroz limpo
Aguardente
Assucar alvo
Azeite doce

Carne verde

Dia secca

Café on Mato

Farinha de mandioca

Feijão

Leinha

Sal

Pão

Bolacha

Tuocinho

Vinagre.

O mesmo Conselho contracta mais e pelo mesmo tempo azeite de mamona e do peixe para a illuminação do Arsenal, Estaleiro dos Dourados e navios da Flotilha.

As pessoas que quizerem fornecer todos ou alguns d'estes generos, são convidadas a apresentar propostas em carta fechada acompanhando-as das respectivas amostras n'esta Secretaria até o dia 28 do corrente mez, dia em que pelas 11 horas da manhã o Conselho abrirá as ditas propostas para contractar o fornecimento com quem mais vantagem offerecer a Fazenda Nacional.

Secretaria da Inspeção do Arsenal de Marinha de Mato Grosso em Cuiabá 19 de Dezembro de 1863.

O Secretário Interino.

João Lopes Carneiro da Fontoura.

Quem quizer contractar o fornecimento dos generos abaixo mencionados para o Hospital Militar, pelo espaço de seis mezes, a contar de 1.º de Janeiro a 30 de Junho de 1864, haja de apresentar sua proposta até o dia 30 do corrente mez na Secretaria do mesmo Hospital.

Banha salgada de porco

Carne verde, de vacca, (sem ossos)

Farinha de mandioca

Arroz pilado

Assucar

Dito refinado

Café torrado

Vellas de sebo

Vellas steatinas

Sabão

Vinho do Porto

Marmelada

Chá da India

Gallinhas

Frangos

Ovos

Azeite de mamona

Carne secca salgada

Leinha.

Contracta-se tambem a lavagem do vneto certo da roupa pelo mesmo tempo.

Hospital Militar em Cuiabá 18 de Dezembro de 1863.

O Escriptão,

João Poupino Caldas.

Pedro Giorda, marceneiro, aviza ao publico e principalmente aos seus freguezes, que mudou a sua residencia da rua F. r. meza, para a rua do Campo, onde pôde ser procurado para os trabalhos de sua profissão.

Vende-se um creoul de 26 annos com pratica de lavoura, mineração e costido do gado; urta parda de 20 annos com quazo todos os prestimos os para casa de familia, e uma creoula de 15 annos, muito bonita, e de muita estatura e serviço de domesticos, na rua da Esperança casa de Antonio Rolz d'Araujo Junior.

Cuiabá 22 de Dezembro de 1863.

NA RUA DO COMMERCIO N.º.—48

Vende-se guaraná superior por preço commodo, avarejo e por atacado.

Sebastião de Sousa, e Oliveira.

Emenda e a tempo.

Não teve lugar a Sessão preparatoria para a eleição dos Dep.º atados, por estarem reconhecidos os elitores.

F.º de S. Neves & Comp. A. Arg. N.º 52.